

## CARTAS A NELSON ALGREN...

Simone de Beauvoir, escritora francesa e uma das mais respeitadas intelectuais do século XX, reconhecida internacionalmente, teve importante papel na trajetória do feminismo, principalmente com a publicação, em 1949, na França, de *O Segundo Sexo*.

Na ocasião, o livro causou contestação e polêmica. Nos anos posteriores, *O Segundo Sexo* passou a ser uma referência imprescindível para a compreensão da condição feminina, sendo traduzido para diversas línguas, e publicado, inclusive no Brasil, em 1960.

Conhecer um pouco da vida daqueles escritores cuja obra teve importância em nossa trajetória pessoal é sempre um desejo de nós leitores. E, tratando-se de Simone de Beauvoir, poder penetrar em sua intimidade, significa mais do que aplacar uma curiosidade. É buscar nas páginas de sua vida o reflexo de seu pensamento. Sendo uma mulher considerada “feminista”, o que este fato pôde trazer para a esfera de sua vida amorosa? Como um ídolo lida com situações dessa natureza?

*Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico 1947-1964* é uma coletânea de 304 cartas escritas por Simone de Beauvoir a Nelson Algren, escritor americano, com quem a autora manteve um relacionamento amoroso, por vários anos.

O livro é apresentado e, em alguns trechos, comentado por Sylvie Le Bon de Beauvoir<sup>1</sup>, que esclarece acerca do relacionamento de Simone de Beauvoir com Nelson Algren e oferece algumas explicações sobre fatos vinculados às cartas.

Simone escreveu a Algren em inglês, já que ele não sabia francês. Este fato, relatado em diversas passagens do livro, é motivo de queixa, por parte de Simone, que se sentia pobre e limitada para escrever sobre sentimentos em uma língua que ela própria considerava não dominar. Isto, porém, de maneira alguma, diminui a qualidade do texto, marcado por

**De:** Simone de Beauvoir. *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, 557 p.

**Por:** MARIA INÊS DETSI DE ANDRADE SANTOS

Doutora em Sociologia, professora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

uma linguagem espirituosa, bem humorada e, em muitas passagens, poética.

A primeira carta publicada traz a data de 23 de fevereiro de 1947 e revela que o amor era ainda apenas uma possibilidade. Nela, Simone diria: “...De todo modo, até breve ou adeus...

quero dizer que não o esquecerei”. A última é datada de novembro de 1964, época em que o amor já havia se transformado em amizade: “Caríssimo você. Lá se vai uma eternidade que nenhuma carta nem foi, nem chegou... Dê notícias, sua fera velha...”

No intervalo entre as duas datas referidas, uma vasta correspondência de Simone a Nelson registra o desenrolar de um romance que tocou Simone, de forma profunda; principalmente, nos cinco primeiros anos do relacionamento, quando foi escrita a maior parte da correspondência (239 cartas). A partir de 1953, observa-se um espaçamento maior entre as cartas, e uma modificação no seu teor: a linguagem apaixonada desaparece, indicando uma mudança na natureza da relação. A amizade ainda os uniu por vários anos. Os motivos dessa espécie de enfraquecimento da amizade são mencionados por Sylvie Le Bon, em sua apresentação do livro.

*Cartas a Nelson Algren...* nos dá a oportunidade de conhecer muitas facetas da vida de Simone de Beauvoir, o cotidiano, os dramas existenciais, aspectos de sua relação com Sartre, sua trajetória profissional, suas idéias políticas.

O livro, se por um lado confirma uma imagem construída em torno de Simone de Beauvoir e de Jean Paul Sartre, como sendo a de um casal livre dos constrangimentos de um matrimônio tradicional, por outro, surpreende porque, a liberdade para constituir outros relacionamentos parecia ser exercida, sobretudo, por Sartre. Com a publicação das cartas de Simone a Nelson Algren, essa imagem se modifica. A revelação ao público do seu amor por Nelson rela-

tiviza sua ligação com Sartre, ou melhor, nos fornece elementos que, talvez, possam ajudar a desfazer eventuais simplificações dessa imagem do relacionamento Simone-Sartre. Passamos a conhecer um outro lado da vida de Simone de Beauvoir tão essencial para ela quanto a sua vivência com Sartre.

Como mulher apaixonada, Simone se expõe inteira, sem receio, declarando seu amor por Algren e enaltecendo o amado:

*(...) Nelson, meu único amor. Foi a mais difícil e a mais doce das separações, a mais difícil porque jamais eu o amei tanto, a mais doce porque eu nunca senti tão forte o seu quente e precioso amor. Nós pertencemos um ao outro, nós permanecemos unidos para além do oceano... (16 de setembro de 1949).*

E vive o medo da separação:

*(...) Nelson, meu amor. Nunca as suas cartas me faltaram, então fiquei meio enlouquecida... Imediatamente temi que você tivesse rompido comigo: depois refleti que era idiota, que você não agiria assim, mas que talvez estivesse morto ou doente... A ausência de carta e de telegrama só podia ser explicada se algo estivesse acontecido a você. Eu não podia dormir, não podia trabalhar, nem comer durante três dias vivi um pavor mortal (20 de setembro de 1948).*

Mas, todo esse envolvimento, essa dependência não tornou Simone alienada do que ocorria à sua volta. Em certos momentos vivia esse amor com culpa: “Estou consciente de que conceder tanta importância aos sentimentos pessoais é uma insensatez, quando no vasto mundo acontecem tantos fatos graves...” (23 de outubro de 1947).

Talvez, a distância física entre Simone de Beauvoir e Nelson Algren tenha mais ajudado a manter acesa a chama do amor que nutriam entre si do que

a dissipá-la. De certa maneira, os protegeu, como que poupando-os, de lidar com uma outra distância, mais radical, que se expressava na forma de encarar a vida. Nelson também era escritor, participava da vida cultural e política de seu país e, como Simone, era reconhecido publicamente. Mas, diferentemente dela – que vivenciava tudo tão intensamente, que era desprendida, que possuía uma vida rica de amigos, viagens e contatos –, era retraído, desejava uma existência mais comum: casa, mulher, filhos. A paixão entre os dois foi marcada pelo estranhamento e o confronto. Simone, sendo francesa, mesmo que de forma sutil, incorporou a posição do “colonizador”. Tratava-o, carinhosamente, por “meu jovem nativo”, “meu provinciano encantador”. Criticava-o por não querer aprender o idioma francês: “você, tolo, preguiçoso como é, não pode entender, porque só conhece a sua língua materna, como um bom americano arrogante e chauvinista” (21 de novembro de 1947).

Assim, os poucos encontros que tiveram, ao longo daqueles dezessete anos, parecem tê-los colocado frente a frente com diferenças irredutíveis, contribuindo para desfazer o sentimento amoroso. Mantida a amizade, Simone terá a oportunidade de ainda escrever para Nelson Algren. E, no período dos últimos anos de correspondência entre eles, Nelson se casará, mas o casamento não o deixará feliz. Simone, que afirmou nessa época ter encerrado sua carreira amorosa, acabará cedendo sua graça a um homem que declarou paixão por ela. Ele com 27 anos e ela, em torno dos 50. As últimas cartas de Simone a Nelson nos dão a sensação de que, enquanto ele definhava, ela continuava a florescer.

Mas o livro não apenas desvela esse *Outro*, tão caro à vida da escritora ou redefine a imagem de sua relação com Sartre. Ele também mostra como as vivências pessoais afetam o processo de construção literária. Quando conheceu Nelson, Simone já havia iniciado *O Segundo Sexo*, cuja temática inquietava a autora naquele momento. Teve que suspender por uns tempos esse projeto: “Eu errei ao tentar de imediato retomar aquele livro sobre as mulheres, iniciado antes de minha partida para a América – ele está morto para mim neste momento; não posso retomá-lo do ponto em que o deixei como se nada tivesse acontecido”. (7 de junho de 1947).

Simone relata, com detalhes o seu cotidiano de escritora e de intelectual politicamente engajada. Fala sobre seu trabalho, as idas ao campo para escrever, sua participação na vida cultural e política. Em todos esses momentos, ela cita a presença de Sartre. A importância do filósofo em sua vida é inegável.

Simone também atua, no livro, como crítica literária. Vemos, pelos seus relatos, que lia vorazmente. Nas cartas, tece comentários sobre as obras lidas e sobre eventos culturais dos quais participava. Ela também adorava cinema, ia a concertos e assistia a peças de teatro, sendo muitas vezes conhecedora do processo de criação dessas obras. Cita em suas cartas nomes da vanguarda intelectual européia, muitos deles amigos pessoais dela e de Sartre.

As inúmeras viagens feitas por Simone de Beauvoir (geralmente com Sartre) a países de todos os continentes também estão relatadas nas cartas a Nelson. Algumas dessas cartas são verdadeiros diários de viagens, com descrições minuciosas e interessantes dos lugares visitados, aspectos da cultura, da vida política, dos encontros com os intelectuais, dos eventos para os quais eram convidados:

*(...) O Rio, onde estou agora, é uma cidade imensa, terrível, feia e bela, explode nos mais violentos contrastes. O mar, a baía, a praia, as montanhas que avançam até o centro da cidade, tudo isso é de uma admirável beleza... Além disso, em todas as montanhas e também na cidade, existem favelas, 750 mil pessoas (de um total de 4 milhões) amontoadas em barracos... Ontem, Sartre e eu recebemos solenemente o título de "cidadãos do Rio de Janeiro", título que confere uma quantidade de direitos. Não é lindo? E é mesmo, até como um insulto ao governo francês. Fiquei sabendo que esse governo indecente exerceu fortes pressões sobre o Brasil para que não nos convidasse, com medo de que Sartre falasse da Argélia. Pois ele falou, falou da tortura, de tudo. Os brasileiros, que se sentem como uma*

*colônia dos estados Unidos, detestam o colonialismo e gostaram muito de seu discurso. Estamos fazendo tanta propaganda anti-gaullista quanto possível, e foi nesse contexto que eles nos deram o título de cidadãos do Rio (26 de agosto de 1960).*

O envolvimento com questões de natureza política aparece ao longo de todo o livro, denotando a preocupação da autora com os rumos da política francesa e mundial. Simone fazia parte de grupos que denunciavam os colonialismos e os totalitarismos de direita e de esquerda.

Considerando-se que Simone de Beauvoir serviu de referência e inspirou o movimento feminista de forma tão contundente, sua posição acerca da condição feminina pouco aparece nas cartas e, quando aparece, há um certo distanciamento: "Já lhe falei, nunca sofri por ser mulher, às vezes até me felicito por isso. Entretanto, quando olho as mulheres ao meu redor, constato que elas vivem problemas específicos e que valeria a pena analisá-los em sua particularidade" (2 de janeiro de 1948).

Mas, Simone foi feminista na sua própria forma de viver e teve uma vida que muitas mulheres podem invejar. Além disso, estamos diante de cartas a Nelson Algren, seu grande amor; um amor, que apesar da sua grandeza, era frágil, delicado em razão das diferenças entre eles. As mulheres que fazem crítica às relações de gênero bem sabem como é difícil essa tarefa, quando estão vivendo, ao mesmo tempo, uma relação amorosa. Talvez tenha sido esse o caso de Simone.

A leitura do livro é uma oportunidade singular para desmistificar a escritora, tornando-a mais humana, "mais igual a nós outras", ou, quem sabe, surpreender-nos com sua grandeza, pois veremos que Simone também pôde ser uma mulher forte, generosa e, sobretudo, feliz.

## NOTA

- 1 Simone de Beauvoir se refere a Sylvie Le Bon, no livro *Balanço Final* (Nova Fronteira, 1972) como uma amizade que teve muita importância em sua vida. Sylvie era aluna de filosofia e mostrou o desejo de conhecer Simone pessoalmente. Desse encontro nasceu uma relação sólida e benéfica para ambas. Posteriormente, Sylvie foi legalmente adotada como filha, por Simone.